

PESQUISA: Em favor de que estamos lutando?

Somos centenas de milhões de membros do sindicato em todo o mundo.
Compartilhamos uma visão comum?



Em agosto de 2019, os trabalhadores da empresa Harland and Wolff, localizada em Belfast, Irlanda do Norte, ocuparam o estaleiro onde o Titanic foi construído. O governo britânico recusou-se a intervir para salvar o estaleiro. Ele foi ameaçado de fechamento.

Defenderam seus empregos e o património industrial, mas também estão olhando para o futuro. O que estava faltando era um plano abrangente para uma transição justa, um novo acordo verde, para salvar seu estaleiro e criar empregos verdes. e construir plataformas para parques eólicos offshore e instalações de energia das marés.

Após nove semanas de ocupação, o pátio foi salvo quando um comprador foi anunciado em outubro.



Motorista de guindaste Gordon Brown. Foto: Bobbie Harvey

170 milhões de membros sindicais no mundo são afiliadas à Confederação Sindical Internacional (CSI). Também as concorrentes internacionais, como a Federação Sindical Mundial (FSM) e pequenas organizações que não pertencem a federações. No total, centenas de milhões de trabalhadores são sindicalizados ou organização equivalente em seu local de trabalho. **Isso faz do movimento sindical o maior movimento participativo e democrático no mundo.** Estes sindicatos defendem os direitos trabalhistas, negociam salários e condições de emprego e desenvolve relações com partidos políticos, governos e empresas.

Existe uma linha comum que nos une a todos?

A mesma natureza, mas diferentes.

De um país para outro, os sistemas de relações sociais são diferentes. Europa Continental promove o diálogo social com a consultoria de negócios e com os trabalhadores gestores de empresas. Dentro destes modelos com poderes equilibrados, as condições de emprego dos trabalhadores estão ligadas ao sucesso da empresa, a indústria como um, a economia nacional inteira, bem como um ambiente internacional de negócios saudáveis.

O **modelo anglo-saxão** tende a ser mais baseado num partido de oposição, resumindo, por vezes, um jogo de soma zero: o que é bom para os trabalhadores pode ser visto como ruim para a empresa e vice-versa e na mídia, sindicatos são apresentados como prejudicial para os bons sabotadores públicos que conspiram para proteger privilégios.

De um ponto de vista político, os **sindicatos do Ocidente** em geral apoiam a democracia social e estão estreitamente alinhados com os partidos de centro-esquerda que promovam o diálogo social.

Para os **sindicatos do hemisfério sul**, o anti-imperialismo, muitas vezes é uma característica proeminente da união política, com chamadas para apoiar capital local contra exploradores estrangeiros. Alguns sindicatos na **Turquia e em outros países**, são explicitamente nacionalistas. **Índia, África e América Latina**, os sindicatos, por vezes, usam a retórica marxista-leninista em suas críticas de capital.

No **Oriente e no Norte da África**, como os nossos sindicatos filiados SNATEGS estão envolvidos numa luta fundamental por direitos básicos como a liberdade de associação.

E a força de trabalho a maior do mundo, a **China** não possui sindicatos autônomos.

Além dessas diferenças de vocabulário e estilo político, os sindicatos estão lutando pela mesma coisa globalmente?

A primeira greve reconhecida na história da humanidade por artesãos durante a construção de um complexo mortuário para Ramses III em Deir el-Medina em 1128 aC. **Desde então, os trabalhadores adotaram medidas coletivas em muitas ocasiões, normalmente em torno das mesmas questões: salário digno, horário de trabalho, saúde e segurança, dignidade e segurança no trabalho.**



Uma manifestação em Detroit, Estados Unidos, a favor de um Green New Deal, julho de 2019. Foto: Becker 1999, Flickr

Dos pedreiros do Egito antigo aos trabalhadores baseados em plataformas digitais nas vibrantes megas cidades de hoje, a luta é essencialmente o mesmo: ganhar o suficiente para viver, ter tempo livre, renda confiável e o fim do trabalho precário. Mas vivemos em tempos interessantes: de acordo com a série de crises que o mundo enfrenta no momento, **como dar expressar estas reivindicações e dar-lhes um lugar de forma a poder traçar um futuro melhor?**

Guerra Psicológica

Abra qualquer streams de jornal ou de mídia social, é provável que você se sinta desesperado. O mundo está se movendo como um sonâmbulo numa crise multifacetada. **Para os trabalhadores, há uma crise de emprego global, 60% deles trabalham na economia informal.** Este fenómeno deve crescer à medida que a automação se estende. **Há uma crise de salários em praticamente todos os setores.** A maioria das famílias estão a margem do infortúnio, onde um único acidente causa desastre. Temos uma

PESQUISA: Em favor de que estamos lutando?

economia estagnada, ameaças de guerra entre os EUA e o Irã e uma guerra comercial entre os EUA e a China. A Brexit sem acordo, o Reino Unido deixar a UE sem concluir um acordo poderia levar à perda de 700.000 empregos na Europa.

Além disso, temos a **crise climática: é necessária ações urgentes**, hoje, para evitar uma catástrofe; no entanto, a Amazônia está queimando e o líder do país mais poderoso do mundo nega a existência de mudanças climáticas.

Há uma crise do multilateralismo, os líderes mundiais não têm interesse de encontrar soluções coletivas. Programas de ajuste estrutural do FMI quebraram o contrato social e desindustrializado e a austeridade estão desfazendo as conquistas da democracia social. As vidas das pessoas estão em riscos e as perspectivas sombrias

No entanto, o desespero é uma arma da direita. As pessoas que têm esperança perdida, ou está com raiva, são fáceis de recrutar para beneficiar as políticas reacionárias ilógicas. A tarefa dos sindicatos é dar esperança, uma visão e um plano para um futuro melhor.

A constante repetição do desespero é uma forma de guerra psicológica: alguns interesses velados querem nos fazer crer que a resistência é inútil, de que somos impotentes, não temos nenhuma esperança de mudança. Soluções credíveis, como a transição justa, um salário mínimo ou o *Green New Deal*, são ignorados ou ridicularizados na mídia, enquanto a besteira direita, como austeridade, são tratados como gospel.

"Nosso tempo é feito de raiva acumulada e mundial. Mas somos disciplinados. Não se distraímos com todas as crises que acontecem", diz Sharan Burrow, secretária-geral da CSI "Estou otimista em relação ao movimento sindical, que sempre esteve na linha de frente e agora pode assumir a liderança"..

Além das lutas defensivas

Os sindicatos têm sido muitas vezes considerados como pertencentes a "Luddite racional" a crença justificada de que as mudanças devido a novas tecnologias ameaçam empregos e relacionamentos na produção. Não deu certo: desde o início dos ludditas do século 19 que destruíram máquinas têxteis, até hoje, nunca conseguiu parar o progresso econômico.

Nossa esperança é para moldar o futuro, não se apegar ao passado. Meios de automatização que os trabalhos de rotinas serão os primeiros a serem substituídos por robôs. A força de trabalho do futuro será altamente treinada, trabalhando ao lado de robôs sofisticados. É provável que o trabalho se torne mais especializado e artesanal. **É necessário ter sindicatos que cubram esses especialistas, além de trabalhadores precários baseados em plataformas digitais, muitas das quais entram e saem entre múltiplas aplicações e cuja definição legal é de contratados independentes.**

Tudo o que há debaixo do céu está um caos; a situação é excelente

Houve uma crise global da democracia, revertendo em todo o mundo em termos de valores democráticos. O sucesso do modelo chinês implica o fim do vínculo entre capitalismo e democracia. No entanto, a democracia, na melhor das hipóteses, só chegou ao meio do caminho: a cada quatro ou cinco anos, podemos votar em quem deve

administrar o sistema econômico, mas temos muito pouca influência sobre o que constitui o sistema. A democracia desaparece no local de trabalho e as necessidades de capital definem prioridades políticas.

É por isso que as pessoas perderam a fé na democracia parlamentar: isso não está melhorando suas vidas.

Um velho provérbio chinês diz que "tudo sob o céu está um caos; a situação é excelente". Ele queria dizer que o transtorno e revolta são o melhor momento para trazer a mudança social e política importante. Os colapsos das políticas e econômicas liberais aproveita a razão no que Naomi Klein chama de "desastre do capitalismo", para usar o caos para impor mudanças políticas, como a privatização, que seria rejeitado em períodos mais estáveis.

Em vez de restaurar a ordem liberal, também podemos usar a fragilidade do Sistema de quebrar suas forças para uma mudança e levar a democracia também na vida econômica. Há espaço para tomar o espaço político para as ideias de justiça, igualdade, dignidade e redistribuição. O mundo está pronto para ideias ousadas para lidar com a desigualdade, a pobreza e a mudança climática.



Uma manifestação em Detroit, Estados Unidos, a favor de um Green New Deal, julho de 2019. Foto: Becker 1999, Flickr

A ordem econômica mundial foi quebrada pela crise financeira. Os partidos de centro-direita, os principais instigadores de um modelo de estado reduzido da economia de mercado, voltaram-se para as guerras de cultura e populismo e para desviar a atenção pública do fracasso das políticas econômicas.

PESQUISA: Em favor de que estamos lutando?

Eles usaram o nacionalismo de direita, o racismo, a homofobia, a misoginia, a negação do clima e um monte de outras fanatismo de forma muito eficaz: as classes trabalhadoras, viram seu padrão de vida cair mais na última década, tem convulsões por vezes irracional diante dos objetivos oferecidos.

Um dos pontos fortes do sindicalismo é que ele desenvolve políticas progressistas por razões práticas, em vez de ideológico. Em vez de convencer os trabalhadores de que o racismo e a homofobia são moralmente injustificáveis, mostramos como os empregadores nos dividem, fazendo os trabalhadores se encararem.

Você não precisa ter simpatia por outros trabalhadores de outros países ou por religiões e por culturas para reconhecer que é de seu interesse para trabalhar em conjunto. **E quando começamos a trabalhar juntos, vamos construir a confiança. A solidariedade corrói a intolerância.**

O presente põe de lado a guerra cultural que a direita está usando.

A direita chegou ao fim da corrida e não tem para aonde ir: ela havia se tornado cada vez mais extrema e radical para desviar a multidão, levando a existencial crise política nos EUA, Reino Unido e em outro lugar. Estas crises ameaçam a democracia e a economia global e da riqueza que procurou proteger.

É a nossa vez agora. Temos ideias para combater a crise e devemos proclamar com ousadia. **A melhor maneira de alcançar a democracia econômica e industrial é dar poder real para os sindicatos.** Se os sindicatos poderiam fazer uma diferença material considerável na vida das pessoas, mais pessoas se uniriam e desempenhariam um papel ativo.

Devemos ser ousados. A crise política e climática é grande demais para uma mudança tímida e incremental. Nosso papel não é o de promover uma visão singular do futuro e tentar reunir as pessoas ao seu redor, mas para desenvolver um processo que permite que as pessoas participem em imaginar, projetar e construir juntos um futuro melhor.

O movimento sindical não é feito para ser a cena de uma guerra civil ideológica entre visões rivais. Nossa função principal é unir os trabalhadores. Trazer esses debates dentro do movimento operário dá aos nossos membros o poder de participar no desenvolvimento de soluções.

Podemos usar o colapso do sistema para promover uma mudança e trazer a democracia para a economia.

Desenvolvimento de uma nova perspectiva.

No Ocidente, esta sendo formado um consenso político em torno da social-democracia, proposto por Bernie Sanders nos Estados Unidos e Jeremy Corbyn no Reino Unido. Os seguidores advogam a propriedade pública de recursos essenciais, o investimento estatal em desenvolvimento econômico e o livre acesso a cuidados médicos, educação, etc., financiados através de um imposto sobre os ricos.

Trata-se de um híbrido capitalista-socialista que considera o capitalismo como a energia nuclear: poderoso, mas perigoso, exigindo salvaguardas para evitar quebrar a economia mundial e destruir o planeta.

Quer concordemos ou não com este ponto de vista, é muito útil porque oferece uma alternativa ao discurso neoliberal que domina desde 1994. O capitalismo democrático falhou. A visão social-democrata continua a desenvolver. Os sindicatos devem orientar o debate. Muitos são aqueles que já começaram, como a nossa filial australiana, a CFMEU, com o relatório "Goodbye neoliberalismo".

Há muitas ideias radicais sobre o futuro que merecem alguma atenção. Restrições de espaço nos limita um rápido passeio: para quem não está muito alinhado com o movimento operário e dois que são.

Renda básica

O conceito de shows básicos de renda uma variante da economia keynesiana que tem recebido muita atenção nos últimos anos e experiências entre as cidades têm atraído muita atenção por parte dos meios de comunicação. Isso é para estimular a economia e controlar as perdas de emprego, dando a todos um montante garantido de dinheiro, o suficiente para viver sem a necessidade de trabalho.

Os sindicatos estão relutantes à ideia, porque rompe a ligação entre trabalho e renda negando o trabalho como fonte de poder dos trabalhadores. Há por trás o risco de deixar uma grande parte da população sem poder político, mas sem influência na produção.

Outra objeção é que isso equivale a um grande subsídio público para o setor privado: em vez de dar dinheiro para as pessoas a comprar produtos a preço de mercado, por que não usar estes fundos para fazer coisas livres como a educação, saúde e transporte público gratuito?

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são uma tentativa multilateral para construir um mundo melhor até 2030. Os objetivos do plano é para acabar com a pobreza, reduzir a desigualdade, promover a igualdade de gênero e à mudança climática entre outros. Todos os Estados membro da ONU assinaram tais compromissos, se os países não tomarem medidas concretas nesses sentidos, vamos perder esses objetivos. Eles são compatíveis com muitas ideias sindicais, como a transição justa. Todos devemos pressionar os nossos governos nacionais a tomar medidas para atingir essas metas.

O New Deal Verde

O *Green New Deal* é inspirado no modelo New Deal que tirou os Estados Unidos da Grande Depressão através do investimento público massivo. Esta política tem sido copiado em outros países e ainda goza de barragens hoje e projetos de hidrelétricas, estradas e infraestrutura no lugar durante este período.

O *New Deal Verde* pretende gastar milhares de bilhões de dólares para a consideração das alterações climáticas, para a criação de centenas de milhares de empregos em

energias renováveis, os transportes públicos, na limpeza ambiental na reintrodução da flora e da fauna selvagem, etc.

Isto parece politicamente impossível, mas isso já foi feito no passado: o New Deal dos anos 30 e do Plano Marshall, que foi usado para reconstruir a Europa após a Segunda Guerra Mundial e facilitando a era de ouro social da democracia. E, mais recentemente, no contexto da crise financeira. É uma questão de vontade política: se podemos salvar bancos, podemos salvar o planeta.

Devemos nos unir em solidariedade para a defesa dos direitos dos trabalhadores. Temos que ter um debate aberto e respeitoso sobre o futuro.

Na conferência do Partido Trabalhista do Reino Unido em setembro de 2019, o Partido Trabalhista britânico adotou uma política de *Green New Deal*, com o apoio de sete sindicatos filiados com o IndustriALL Unite. Esta política exige zero de emissões de carbono para 2030, investimentos maciços em energia renovável, uma transição justa para verdes e sindicais postos de trabalho, a propriedade pública dos recursos naturais e melhoria do transporte público.



"O tempo do que a vida" Membros IG Metall manifesto ao equilíbrio profissional e vida privada. Bodo Marcas / IG Metall

Aplicar soluções sindicais em todo o mundo

Essas idéias de trabalho e os sindicatos podem reivindicar uma história de aplicação local. Na **Alemanha**, o IG Metall argumentou no início de 2018, quando a negociação coletiva em nome dos trabalhadores para beneficiar de ganhos de produtividade com novas tecnologias e tem um contrato que lhes dá o direito de reduzir o seu tempo de trabalho com sucesso 28 horas por semana para até dois anos.

PESQUISA: Em favor de que estamos lutando?

Na **Espanha**, os sindicatos que representam os mineiros conseguiram em 2018 um acordo que é um marco na transição justa, com investimentos de larga escala em comunidades de mineração, incluindo descontos em nível profissional, o estabelecimento de novas indústrias e muito mais.

Precisamos de mais vitórias deste tipo e em proporção às necessidades.

Devemos defender a democracia, nossos sindicatos e na sociedade e criar um novo contrato social global. Precisamos de um multilateralismo global, como a promovida pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Precisamos de abordagens lideradas pelo Estado, como o Green New Deal, com o impulso em direção a propriedade pública e investimentos em setores sustentáveis. A mudança não pode vir de cima, ele também ocupa iniciativas da base, tais como a negociação coletiva pelos sindicatos para levar essas preocupações em conta.

As necessidades dos trabalhadores diferem de acordo com o tempo e lugar, como o equilíbrio de poder entre o Estado, a comunidade empresarial e outras partes interessadas para a mudança. Os sindicatos precisam de liberdade para responder às condições locais. A solução não reside num único ponto de vista, mas num processo de inclusão, através da qual emerge uma visão através da prática.

Devemos nos unir em solidariedade para a defesa dos direitos dos trabalhadores. Temos que ter um debate aberto e respeitoso sobre o futuro. Com as esperanças fixados no coração, bem como a solidariedade e respeito mútuo como guias, sindicatos hoje podem fazer o seu caminho no momento interessante em que vivemos e abrir as portas para a participação em massa no desenvolvimento um mundo melhor:
Um futuro que funcione para todos.

